

DISSIDÊNCIAS HETERONORMATIVAS E SOCIABILIDADE: OS ANOS FINAIS DO SÉCULO XX DA BICHACAP NAS PÁGINAS DE JORNAIS ALTERNATIVOS

MOZART MATHEUS DE ANDRADE CARVALHO¹; BENITO BISSO SCHIMT²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul – mozart_matheus@hotmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul – bbissos@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

Apesar de Laurindo-Teodorescu e Teixeira (2015) colocarem que o processo de mobilização política homossexual no Rio Grande do Sul se deu de maneira tardia - em 1991 com a emergência do Nuances - Grupo Pela Livre Liberdade Sexual em Porto Alegre, muito antes, as terras gaúchas já eram palco da sociabilidade de pessoas dissidentes da heteronormatividade, constituindo-se, por assim dizer, um estado com duas capitais: Porto Alegre, capital administrativa; e Pelotas, capital das bichas. Dentro deste quadro, o presente trabalho objetiva apresentar a pesquisa em andamento a respeito destas sociabilidades dissidentes nos anos finais do século XX na cidade de Pelotas.

Para Georg Simmel (1983) o conceito de sociabilidade parte do pressuposto de que, em qualquer sociedade humana, pode-se distinguir a matéria da forma de vida social. Mesmo considerando que matéria e a forma sejam objetos analíticos separados e estejam em constante interação, o autor enuncia que a interlocução entre os indivíduos pode se encontrar desassociada do mundo material, na medida que as interações sociais não estão necessariamente sempre intermediadas por questões materiais. Uma vez que as formas de vida social ganham uma “vida própria”, o fenômeno da sociabilidade acontece.

Sirinelli (2003) se aprofunda no tema ao nos colocar que as estruturas de sociabilidade variam no tempo e entre os grupos estudados. Portanto, para compreender estas experiências, é necessário saber onde elas se dão, evocando-se a noção de locais de sociabilidade. Serão dentro destes locais que a atração, amizade, solidariedade, hostilidades, amores, rupturas, polêmicas e rancores passam a desempenhar papel decisivo no desenvolvimento e na forma das relações, emergindo assim uma vida relacional própria. Em vista disso, esses sentimentos se tornam objetos de estudo da História dado que são elementos que influenciam o funcionamento dos ecossistemas sociais.

É nesse cenário que podemos nos direcionar às sociabilidades da “Bichacap”, como Pelotas era chamada pelo periódico alternativo *Lampião da Esquina*¹. Em uma coluna sobre rotas de turismo gay, o periódico destaca a cidade e revela a existência de diversos locais voltados à sociabilidade da população homossexual no ano de 1980. Já na edição número 2 do *Jornal do TAMBÉM*², em entrevista de Paulo Vargas³ (30 anos depois da edição do Lampião) registra a existência de bares e boates gays nos anos 70 e 80.

Ao considerar a existência de um circuito de locais de sociabilidade dirigido a dissidências heteronormativas, como exposto nas fontes, torna-se relevante ponderar sobre a existência de redes de contato entre as pessoas que compunham estes espaços, tendo tais indivíduos, inclusive, papel importante na

¹ Pelotas. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 28, set. 1980. Escolha seu roteiro, p. 9.

² Entrevista TAMBÉM. **Jornal do TAMBÉM**, Pelotas, ano 1, n. 2, set. 2010. p. 4.

³ Conhecido na por ter trabalhado como cabelereiro para diversas mulheres da elite pelotense e ser uma figura tradicional da vida noturna gay durante no período analisado.

própria criação deles - explorando seu caráter denso e de largo alcance, posto que, para Savage (2011), é através do desenvolvimento de redes que indivíduos estão aptos a estabelecer contatos e mobilizar recursos.

2. METODOLOGIA

Simultaneamente a consultas à documentação em acervos físicos e digitais, foi traçado como estratégia uma busca por referências bibliográficas que contribuam na compreensão teórica e historiográfica desta experiência.

A análise das fontes foi referendada principalmente a partir dos trabalhos de Cavalheiro (2004) intitulado “Pelotas, “Cidade de gays”: Um estudo sobre os usos políticos de uma representação”, e de Monteiro (1998), “O FOLCLORE GAY DE PELOTAS”: sobre uma representação que se atualiza na história da cidade”. Neste último, foram realizadas entrevistas com homossexuais pelotenses com mais de 40 anos em relação à representação de “capital das bichas”, bem como sobre os usos e os conflitos decorrentes desta.

Estes trabalhos partem de uma visão voltada ao conceito de representação. Dessa forma, foi possível retomar algumas fontes utilizadas anteriormente, porém trazendo um novo olhar teórico. Além disso, a fim de compreender historicamente as redes, dinâmicas e locais de sociabilidade homossexual nos anos finais do século XX, a pesquisa por outras fontes é de fundamental importância, e está sendo encaminhada, apesar das dificuldades impostas pela pandemia do covid-19.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em vista de se tratar de uma pesquisa em fase inicial, ainda não é possível apontar concretamente para resultados. Contudo, a partir da análise das duas fontes referidas, foi possível delimitar alguns locais onde estas sociabilidades eram exercidas, de modo a contribuir na compreensão da dinâmica desta rede.

Por exemplo, na coluna do *Lampião* de 1980 aparece “a pegação [...] na Praça Coronel Pedro Osório”; o footing (passeio a pé) na Galeria Central; o calçadão; a Confeitaria Luso e o Café Aquarius por onde transitavam muitas “bichas assumidas, enrustidas, loucas”; o Fliperama e a pista de skate da Praça Júlio de Castilhos como pontos de diversão; os bares da Avenida Bento “como pronto socorro sexuais” e a Praia do Laranjal e o Balneário como ambientes que oferecem a tranquilidade da lagoa e a privacidade do mato no entorno, o que permitiria diversos encontros sexuais (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1980).

Na entrevista de Paulo Vargas, ele relata o “Proibidos”, que, segundo ele, foi a principal boate gay pelotense nos anos 70. Com seu fim na década seguinte, ele próprio aproveita e inaugura em 1987 o “Controvérsia Club”. Bar inspirado nos estabelecimentos similares existentes em São Paulo, se tornou a primeira boate da cidade a incluir o uso de comandas (JORNAL DO TAMBÉM, 2010).

Nesse sentido, é possível supor que, apesar de Pelotas ser uma cidade do interior, ela disponibilizava diversos espaços voltados para a paquera, diversão e encontros sexuais, revelando, possivelmente, uma apropriação dos gays da fama de efeminação cunhada nos tempos das charqueadas. Outro ponto importante é que o *Lampião* era um jornal carioca, com distribuição principalmente no eixo Rio-São Paulo (SIMÓES, 2010). O aparecimento de Pelotas e seus locais de sociabilidade gay nas páginas do periódico, e a abertura nos anos 80 de um bar nos moldes de SP, pode nos levar a admitir como hipótese um intercâmbio entre

Pelotas e os grandes centros urbanos nos anos 70 e 80. Seria esta conexão também reflexo de uma fama “nacional”?

Com o desenvolvimento da pesquisa, almeja-se responder estas e outras questões que venham a aparecer.

4. CONCLUSÕES

Em virtude do que foi mencionado, o que pode ser depreendido, por ora, é que embora existam trabalhos voltados às questões LGBTQIA+ de Pelotas, a compreensão do conceito de “sociabilidade”, quando aplicado a pessoas não heteronormativas na cidade, justifica novas abordagens e fontes sobre o período estudado.

Além do mais, é muito caro à pesquisa proporcionar uma contribuição para o estudo da história LGBTQIA+ sul-riograndense, assim como, com o auxílio de base empírica, apreender as redes de interação de denso e largo alcance, tal como as pessoas que circulavam e compuseram estes locais de “sociabilidade”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALHEIRO, Gláucia Lafuente. Pelotas, "Cidade de Gays": Um estudo sobre os usos políticos de uma representação. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 77-101, 2004.

Entrevista TAMBÉM. **Jornal do TAMBÉM**, Pelotas, ano 1, n. 2, set. 2010. p. 4.

LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. Com tradição no controle de DST, o Rio Grande do Sul se lança na luta contra a aids. In: LAURINDO-TEODORESCU, Lindinalva; TEIXEIRA, Paulo Roberto. **Histórias da aids no Brasil, v. 1: as respostas governamentais à epidemia de aids**. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2015. Cap. 3, p. 75-85.

MONTEIRO, Glaucia Lafuente. "O FOLCLORE GAY DE PELOTAS": sobre uma representação que se atualiza na história da cidade. **História em Revista**, Pelotas, v. 4, p. 139-160, 1998.

Pelotas. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 28, set. 1980. Escolha seu roteiro, p. 9.

SAVAGE, Mike. Espaço, redes e formação de classe. **Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 6-33, 2011.

SIMMEL, Georg; FILHO, Evaristo de Moraes (Org.). **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SIMÕES, Júlio Assis. Uma visão da trajetória do movimento LGBT no Brasil. In: POCAHY, Fernando *et al.* (org.). **Políticas de enfrentamento ao heterossexismo: corpo e prazer**. Porto Alegre: NUANCES, 2010. Cap. 1, p. 13-33.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. Cap. 9, p. 231-270.